A ESCADA

APOLLONIO DE THYANNA

CURITIBA
2016

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO ____ 4
INÍCIO DE TUDO ____ 8
DE MISERÁVEL A POBRE ____ 16
ANOS DE INSTRUÇÃO ____ 26
O PECADO DO POBRE ____ 31
O CIENTISTA ____ 36
PRETENSÕES DO CIENTISTA ____ 47
PROCEDIMENTO DA PESQUISA ____ 51
ORIGENS DO CIENTISTA ____ 54
CONSIDERAÇÕES DE VICENTE RENATO SOBRE SUA FÉ ____ 66
A UTOPIA DA RESTAURAÇÃO ____ 72
CLONAGEM – A patética manifestação do egoísmo humano ____ 82
CURAS – RECONSTITUIÇÃO DE ÓRGÃOS – RESTAURAÇÃO E REORGANIZAÇÃO ____ 85
SEPARAÇÃO ____ 86
VIDA DEPOIS DA SEPARAÇÃO ____ 97
RECRIANDO UM AMIGO !? ____ 112
O TRIBUNAL GLOBAL DE CRIMES GENÉTICOS ____ 117
OS PRIMEIROS TEMPOS DO RETORNO ____ 128
MÉTODO ZIDLER DE CONQUISTA ____ 133
CONSIDERAÇÕES ÉTICAS ____ 137
OUTRAS MISSÕES RETORNAM ____ 143
FRANCISCO MORRE E BERNARDO DE SIENA É O NOVO LÍDER ____ 161
BERNARDO E A VIDA E O FUTURO ____ 175
SAINDO DA ESCURIDÃO ____ 182
DECISÃO ____ 207
VICENTE E BERNARDO: SEMELHANÇAS ____ 212
PROFECIA GENÉTICA ____ 218
EPÍLOGO ____ 222

Trata-se de pura ficção, mas é sempre bom imaginar que algumas "excentricidades", alguns sentimentos que nos fazem sentir diferentes da opinião massiva não são sintomas de transtornos e descobrimos *sermos viáveis* analisando a vida de outros ousados ou originais.

Bernardo foi para Vicente Renato um paradigma a não desistir de opiniões e da originalidade.

Vicente Renato teria sido, se o antecedesse, algum tipo de modelo a Bernardo.

Em virtude de este livro elaborar duas biografias fictícias foram pensados vários títulos: "BERNARDO, O JOVEM", "BERNARDO", *"*▼▲VETORES PARALELOS: CAMINHOS CONVERGENTES ▼▲*",* "O EVANGELHO DA MELHOR VIDA", "A ESCADA DE JACÓ" e "A ESCADA DA CRIAÇÃO".

Alfim, preferimos simplesmente a *Escada* e sua possível polissemia, variando o senso consoante cada tento.

Possam todos subir degraus desejados e ascender para onde desejem.

APRESENTAÇÃO

Na média idade, longínqua realidade, viveu Bernardo, narrador de mazelas, contador de sequelas, sôfrego, viveu esse Bardo.

Sem infância, sem família, nada o redimiria, afundava há 15 anos pela bebida, pela dor, miséria, abandono, esquecimento, quando conheceu franciscanos, liderados pelo esquálido Francesco, que do peito arrancou-lhe da ignomínia o dardo, batizando-o Bernardo.

Ante todas as adversidades, pinçado do poço do olvido, tratado pelos frades, querido, renasceu, de sua inumação em vida no féretro que eram as ruas de Siena, a verdadeira essência humana, acolhida, prezada, avultou criativa, experiente, ufana.

Na estória que se segue, empós a inovação de Cesco, nada se viu, desde então, esquecidas as mágoas, de ousadia, intrepidez e dedicação no meio

franciscano, verdadeira revolução, antagônica ao conservadorismo, imersa em método salvador, restaurador de almas.

Gerado na ignorância hominídia, ausência de senso, do amor a desídia, tragédia existencial, resgatado, acolhido, curado o corpo enfermo e a mente torturada, deixou de lado o ódio, seu fardo e tornou-se das humanidades franciscanas o verdadeiro Bardo, não nas palavras, pensamentos diversos, vidas diferentes, atento com a essência era Bernardo, ações e direções com Cesco consequentes.

Signo esquecido de persistência, na origem maltratado e bastardo, deixou assinado seu nome para quem puder conhecer, como intrépido e ávido franciscano, o ministro ousado, um homem chamado Bernardo.

Séculos adiante, máquinas a dominar, padece o ser humano de incuráveis doenças, verdadeira renitência à orgulhosa ciência.

Mas há aqueles insaciados com o conhecer, revoltados contra o dominador cibernético, não querem só o humano hígido, mas saudável, criativo e estético.

Buscam um método salvador, restaurador de corpo e mente. Segredo guardado em espirais aminoácidas, discriminadoras, isoladoras da essência de cada pessoa, um único ser, só, e sua Escada de Jacó. Caminho para a verdade, cautela, exige ser sensato, surge no século XXI o curitibano Vicente Renato.

Superando modo conservador e servil conterrâneo, parte para além do Mediterrâneo, a garimpar conhecimento. Bem tratado, educado, afável, criado com amor no regaço materno, tinha noção da ignorância, do domínio cerce ao chão da natureza humana e ousou agir de modo diverso, recusou verdades, assumiu inédito ato, ficou conhecido como o cientista Vicente Renato.

Desceu do zimbório da notabilidade genética à sarjeta pária caquética, degredado pelo medo conservador, ex-cidadão da ciência, no ostracismo reencontrará valores cotidianos, seu tempo de coato forjará outro Vicente Renato.

Vidas dessemelhantes, almas inquietas, profundo cardo de vivências, de um lado Bernardo, anseio de restaurar almas, de outro, Vicente Renato, recuperar pessoas o desiderato.

Leiam, vejam todos os exemplos, incomuns existências em comuns anelos, cada qual, mundos paralelos, erigindo esperança em templos.

Este lugar é terrível. Não é nada menos que a Casa de Deus e a Porta do Céu.

10 Jacó deixou Bersabéia e partiu para Harã. 11 Chegou a certo lugar e resolveu passar a noite aí, porque o sol já se havia posto. Jacó pegou uma pedra do lugar, colocou-a sob a cabeça, e dormiu. 12 Teve então um sonho: Uma escada se erguia da terra e chegava até o céu, e anjos de Deus subiam e desciam por ela. 13 Javé estava de pé, no alto da escada, e disse a Jacó: "Eu sou Javé, o Deus de seu pai Abraão e o Deus de Isaac. A terra sobre a qual você dormiu, eu a entrego a você e à sua descendência. 14 Sua descendência se tornará numerosa como a poeira do chão, e você ocupará o oriente e o ocidente, o norte e o sul. E todas as nações da terra serão abençoadas por meio de você e da sua descendência. 15 Eu estou com você e o protegerei em qualquer lugar aonde você for.

Depois eu o farei voltar a esta terra, pois nunca o abandonarei, até cumprir o que prometi".

16 Ao despertar, Jacó disse: "De fato, Javé está neste lugar e eu não sabia disso". 17 Ficou com medo, e disse: "Este lugar é terrível. Não é nada menos que a Casa de Deus e a Porta do Céu". 18 Levantou-se de madrugada, pegou a pedra que lhe havia servido de travesseiro, ergueu-a como estela e derramou óleo por cima. 19 E chamou esse lugar de Betel. Mas antes a cidade se chamava Luza.

20 Jacó fez, então, este voto: "Se Deus estiver comigo e me proteger no caminho por onde eu for, se me der pão para comer e roupas para vestir, 21 se eu voltar são e salvo para a casa do meu pai, então Javé será o meu Deus. 22 E esta pedra que ergui como estela será uma casa de Deus, e eu te darei a décima parte de tudo o que me deres".[1]

[1] Gênesis 28.

Possível encarar a ESCADA DE JACÓ, que preferimos nominar *ESCADA DA CRIAÇÃO* ou *A ESCADA,* como a grande metáfora, anteriormente ao Filho Encarnado, de nossa ligação divina, ou, antes, da possibilidade dos filhos de Adão, filho do Pai do primeiro ser humano, descenderem, serem filhos e conterem a essência da luz da divindade.

Somos, assim, filhos legítimos da Força Criadora de tudo e há um canal de acesso, uma escada espiritual a ela.

Sendo mais literais, podemos imaginar, mesmo, uma abertura no Céu e uma infinita escada fincada nalgum ponto de um solo sagrado por onde descem e sobem os mensageiros divinos portando as graças e as benesses de Deus e pela qual, consoante nossa purificação de alma, após adquirirmos a capacidade de divisá-la, somos autorizados a galgar, paulatinamente, seus degraus em direção do Pai.

É possível, igualmente, pela sua condição metafísica, que essa ligação com Deus, mais semelhada a uma ponte, possa ser percebida em vários lugares ou situações e que haja inúmeros modos, portanto, para ascender àquela frincha celeste.

O DNA, sua própria estrutura molecular espiralada composta de inúmeras ligações lembra uma escada, tortuosa é verdade, plena de elementos insólitos e desconhecidos, mas passíveis de prospecção de suas finalidades.

Ora, penso eu, empós tantas décadas de estudo, de ciência quase atéia e quase descrente, não seria a Escada de Jacó exatamente a sugestão divina para o ser humano buscar a fonte da vida, compreendê-la, manuseá-la em benefício da criação?

É 2030 e ainda temos pudores com a questão genética.

Para mim, já que tantas interpretações são possíveis, Deus, quando imprimiu na essência humana a ideia de um meio para buscá-lo – não substituir-se a ele – não demarcou um ponto geográfico, tampouco propôs algo tão humano quanto a ascensão por uma escada real, antes timbrou em cada ser vivo uma marca distinta, individualizando-o entre seus assemelhados, ao mesmo tempo permitindo, com seu sutílimo detalhismo na geração do inanimado e do animado, houvesse na distinção um registro de similitude e descendência.

Assim, num nível inferior, o Magno Arquiteto deixou uma ligação entre os próprios seres e numa esfera superior preservou cada nuança da vida mediante um código complexo escrito com substâncias sem vida (ácidos e proteínas) em um organismo vivo e dependente delas.

Dotou pelo menos uma espécie, supostamente por ele escolhida, para oportunamente e aos poucos interpretar o segredo da existência, extraindo benefícios, pequenos ou

grandes milagres, a favorecem não somente as pessoas, mas todas as formas de vida.

O DNA evidencia tanto metaforicamente, quanto literalmente, o subir degraus, o avançar de um conhecimento, quem sabe de uma sabedoria.

Qual a direção que a percepção e um determinado domínio do processo vital aponta?

Naturalmente indica a origem de tudo, o momento em que a junção de compostos sem vida propiciou o despertar da existência.

Mostra uma vereda à energia primacial, revela um acesso à chama forjadora da vida, às mãos que moldaram com o barro místico os primeiros seres, dirige a essa inteligência que predominantemente convencionamos chamar de Deus.

A alegoria do Gênesis, portanto, sobre a Escada de Jacó, é a mensagem de que em algum momento, depois de despertarmos do torpor de nossa ignorância, as distâncias com Deus serão diminuídas e a partir desse tempo ele autorizará, tal como converteu Jacó em Israel [2] após a

---

[2] [23] Nessa noite, Jacó se levantou, pegou suas duas mulheres, suas duas servas, seus onze filhos e atravessou o vau do Jaboc. [24] Jacó os pegou e os fez atravessar a torrente, com tudo o que possuía. [25] E Jacó ficou sozinho. Um homem lutou com Jacó até o despertar da aurora. [26] Vendo que não conseguia dominá-lo, o homem tocou a coxa dele, de modo que o tendão da coxa de Jacó se deslocou enquanto lutava com ele. [27] Então o homem disse: «Solte-me, pois a aurora está chegando». Jacó

demonstração de perseverança na luta com o Espírito, que seus descendentes terrenos copiem alguns elementos dos místicos arquétipos criativos, tornando o inculto humano num novo ser, liberto dos padecimentos ligados à sua imperfeição e voltado a cumprir, finalmente, sua tarefa no conjunto da Criação, qual seja, simplesmente, preservá-la, mantendo-a hígida, garantindo, em termos terrenos, a grande oferta de Deus: um existir digno num mundo harmônico – um viver edênico.

Com o domínio e uma utilização cautelosa mas perseverante do DNA, acreditei e investi a segunda etapa de minha carreira nisso, após ter descoberto o **Evangelho da Melhor Vida** na abnegação dos franciscanos e na ousadia pragmática de um sofrido chamado Bernardo.

As fórmulas morais e éticas não mudaram, transformou-se o conceito de vida, de geração da vida, de preservação da vida e tal qual para aqueles que não podiam compreender a Deus apenas pela palavra foi necessária a demonstração de entrega de Francisco e seus seguidores num novo apostolado de um velho Evangelho, o DNA vem servir à conservação do nosso bem mais valioso e primeiro, *viver*, e para isso

---

respondeu: «Não o soltarei, enquanto você não me abençoar». [28] O homem lhe perguntou: «Qual é o seu nome?» Ele respondeu: «Jacó». [29] O homem continuou: «Você já não se chamará Jacó, mas Israel, porque você lutou com Deus e com homens, e você venceu». [30] Jacó lhe

mostrou-se e ainda é imperiosa uma nova leitura do mesmo patrimônio, sendo de convir, mesmos aos mais céticos, os avanços em favor do existir só podem ter ocorrido com chancela superna, senão jamais teríamos avançado tantos degraus na Escada da Criação.

Minha recriação a partir da descoberta da importância ético-existencial do DNA é semelhante aos versos de Milton respeitantes à preciosidade da *Escada*:

Uma soberba escada observa ao longe
Que até dos Céus aos muros se elevava,
Terminando num pórtico eminente,
De imensa arquitetura a mais sublime
Dos reis não vista nos umbrais ufanos:
Era a fachada de diamantes e ouro;
De flamívomas gemas marchetado
O inimitável pórtico fulgia;
Não pudera na Terra modelar-se,
Não houvera pincel para exprimi-lo!
A escada parecia-se à que outrora
Viu Jacó , onde os anjos sem quantia
A subir e a descer passando andavam,
Quando ele, de Esaú então fugindo,
Na presença dormia das estrelas,

---

perguntou: «Diga-me o seu nome». Mas ele respondeu: «Por que você quer saber o meu nome?» E aí mesmo o abençoou.

E, apenas acordou, disse exclamando:
–Além estão do céu as sacras portas. –
Viu em cada degrau místico emblema.
Nem sempre ali permanecia a escada;
Mas por vezes ao céu se recolhia.
De pérolas e jaspe um mar brilhante
Ali flutuava; e os que da terra vinham
Passavam-no em baixel que anjos mareiam,
Ou, voando sobre o mar, à riba oposta
Iam em um carro com frisões de lume. [3]

[3] MILTON, John. **Paraíso Perdido.** São Paulo:Martin Claret, 2003. p.130/131.

Disse que logrei sobreviver nas trevas da ignorância até meus 15 anos; aliás, a mim, sobreviver se aplicava num sentido mais literal.

Difícil esquecer aqueles dias escuros.

Nasci só de mãe, porque o homem que esteve com ela, como todo soldado em campanha, satisfez-se com algumas noitadas de prazer, fazendo crer àquela jovem de 14 anos que ela teria um lar e segurança. Com a guerra em andamento aquele que poderia ser meu pai se foi, talvez voltando para sua casa e família.

Fiquei órfão, disseram, quando tinha 5 anos, mas apesar disto ainda me lembro das tranças louras daquela mulher, e eu a amava, e ela, apesar de desesperada pela fome e pela miséria, já que fora expulsa da convivência familiar quando seu ventre aprumou anunciando a minha vinda, dava-me carinhos e conselhos.

Como possuía algum conforto na juventude, seu ostracismo fê-la sucumbir aos poucos nos duros anos de lavadeira reservados pelo destino. Um dia tossiu sangue pela última vez.

Um grupo crente, mas ignorante e truculento, parentes de um irmão de minha mãe, acolheu-me.

Entre sovas, maus-tratos e muito trabalho, sobrevivi sem nenhuma letra até os 16 anos, penso 16, já que nunca me levaram registrar junto à paróquia, não havendo apontamento seguro do tempo de meu nascimento.

Não se importaram em me dar família, um patronímico a reverenciar, uma denominação a me identificar. Era ilegítimo, bastardo, filho de ligação espúria e, logo, despertencia ao clã.

Meu nome, se isso importa, os queridos frades me nominaram Bernardo e como era de Siena, chamaram-me de Bernardo de Siena.

A esse tempo contava, pelos meus cálculos, com 23 anos. Não tinha sequer um nome. Cresci nas mãos de sádicos – os quais agora eu perdoo pela sua ignorância – que me denominavam "Menino" e embora recordasse de que minha mãe me havia distinguido, dado-me uma identidade, não me vinha à memória como me chamava, sempre que pensava em mim mesmo, me via como o *menino.*

Minha personalidade, minha sanidade emocional e psíquica devo aos fradinhos!

Disse que logrei sobreviver nas trevas da ignorância até meus 16 anos; aliás, a mim, sobreviver se aplicava num sentido mais literal.

Miserável e esmoleiro, a fome me corroía aos poucos e doente fui abandonado (novamente), aguardando, sob o céu,

o anjo triste da morte.

Era outono, o frio, entanto, estava intenso.

A chuva derramava em meu corpo esquálido, eu pertencia à sarjeta, sendo adequado que a precipitação me inundasse; de qualquer modo essas sensações lembravam que estava vivo, tão vivo, capaz, ainda, de sentir a dor da frígida estação, da febre, da fome e de a nada pertencer; cruelmente vivo.

Muito tempo depois, agora, descobri como é bom e importante viver. É disso que tratarei.

Deus, Senhor Deus, Suas realizações são acontecimentos insondáveis.

Os frades de Assis, antecipando-se às mazelas invernais, visitaram as comunidades distribuindo víveres e agasalhos.

Graças ao voto de pobreza e solidariedade, Francisco, vindo de longe, apiedou-se de mim, estendendo-me a mão, nutrindo-me; foi atencioso.

Escapei da morada dos mortos pelo amor, o Santo Irmão Amor.

EDUCAÇÃO DA VIDA

A *vida não desenha para os filhos conforme os esboços dos pais e Maria tinha lá seus caprichos, ansiava por uma vida diferente da mãe.*

— Eu levanto um brinde ao Criador pelos 13 anos de minha filha Maria e agora acharemos um bom artífice para me dar netos, até porque não dá mais para sustentar uma mulher tão velha e mais seus seis irmãos!

Giácomo era assim, conhecedor do trabalho em couro, seu curtume era conhecido dos sienenses, bem como seu gosto pelo jogo e pelas mulheres. O dinheiro que entrava por um bolso vazava pelo outro dedicado à luxúria.

Madalena, a esposa, responsável por delicadas bolsas de pele de cordeiro, as desenhava e costurava com tanto esmero que não havia dama em Siena e até nos vizinhos burgos que não buscassem aquele primor.

Giácomo, porém, cuidava dos negócios e o dinheiro dos cordeiros servia para saciar os chacais da usura.

Alienada como as mulheres de seu tempo dos assuntos pertencentes aos homens e preocupada com sua própria arte, Madalena criou Maria para casar com quem o marido indicasse; mas a vida não desenha para os filhos conforme os esboços dos pais.

De sua parte, também Maria tinha lá seus caprichos, ansiava por uma vida diferente da mãe, debruçada horas incontáveis sobre os desenhos, recorte, curtição e costura daquele couro que adornava as senhoras da sociedade, enquanto sua criadora vivia em andrajos e sequer tinha tempo, dinheiro ou cultura, mesmo, para desfilar pelas ruas suas ideias, ora triangulares, ora retangulares, coloridas, desmaiadas, com franjas ou linhas sóbrias.

Pensava que para si seria diferente. Não queria um homem como o pai, nem que fosse o artesão mais habilidoso.

Para ela os artesãos eram egoístas, mesquinhos e maltratavam as mulheres.

Homens de verdade eram os soldados, mas não qualquer um, os oficiais, com seus galardões, comendas, posição e patentes, eles sim eram úteis, defendiam as muralhas e eram socialmente aceitos.

Um artesão, para que servia afinal? Apenas para satisfazer os outros, mas suas vidas, estas não continham sentido, não eram heroicas e nada defendiam. Além disso, todos os artesãos que conhecia não sabiam ler e eram conduzidos pelos padres, que ditavam o dia e a noite destas pessoas.

Os oficiais não! Todos tinham lugares reservados na missa e o padre a todo momento lhes pedia favores, ah, estes

sim eram superiores e liam a Bíblia sem que outro lhes dissesse o que ali continha.

Eram poderosos!

Sorria internamente ao completar seus 13 anos, jurando não repetiria a vida da mãe, isso não e casar, como esperava o pai, com um artesão, melhor seria morrer.

Conheceu, tempos depois, o soldado Giancarlo numa daquelas guerras incessantes que grassavam pelas poderosas cidades italianas.

O garboso homem de guerra servia às forças do Duque de Perúgia, simpatizante do Imperador Romano-Germânico e por isso eram chamadas de infiéis, de hordas pagãs, que envergonhavam a fé cristã e maculavam a liderança papal.

Siena, terra de gente rica e com muitos interesses, ora dizia-se favorável a um lado, ora a outro, como convinha à tendência comercial.

Se o Papa determinava compras e pagava adiantado com ouro e prata, a liga transformava a cidade num verdadeiro reduto da Igreja, com procissões e envio de jovens a mosteiros e conventos, sem contar, claro, com as contribuições à causa do herdeiro de Pedro.

Mas a Igreja nem sempre estava com o tesouro hígido, pois não era fácil impor uma presença temporal com um discurso espiritual, especialmente numa sociedade que

intuía os benefícios da laicização, na medida em que algumas tributações desapareceriam pelos umbrais do Vaticano sem mostras de benefícios ao povo e as que sobravam, as dos nobres e dos burgos, de alguma maneira restariam como um caixa sediado na própria comuna e mais dia, menos dia, os senhores necessitariam de empregados e trabalhadores devolvendo as somas recolhidas.

Tais dificuldades terrenas do clero muitas vezes levavam a atrasos, moratórias e calotes e nesses períodos todos se voltavam simpáticos aos interesses do imperador "não italiano e bárbaro", mas que apresentava liquidez e saldava seus débitos.

Foi num desses momentos anticlericais que irromperam guarnições de soldados imperiais, a maior parte mercenários, vindos dos lugares mais distantes e desconhecidos e, naturalmente, com muito passado, pouco presente e provavelmente nenhum futuro.

Giancarlo vinha da costa siciliana, dizia-se de Siracusa, mas era bruto e muito ignorante para vir daquele centro donde notáveis conheceram berço.

Mesmo assim, chefiando um grupo avançado, semelhou à ingênua Maria como os oficiais de seus sonhos de independência e durante os oitenta ou noventa dias em que o exército do imperador bárbaro quedou em Siena houve romance ardente, uma paixão cega pela moça, uma